



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 27/06/2025 e 03/07/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>27/06/2025</b>	10,27	271.10	52,45	5,24	4,17
<b>30/06/2025</b>	10.24	271,30	52,51	5,28	4,20
<b>01/07/2025</b>	10,24	269,20	53,76	5,37	4,20
<b>02/07/2025</b>	10,50	272,40	55,06	5,56	4,29
<b>03/07/2025</b>	10,56	273,80	54,70	5,47	4,31
<b>Média</b>	<b>10,39</b>	<b>271,68</b>	<b>53,70</b>	<b>5,38</b>	<b>4,23</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	118,00	
RS – Não Me Toque	118,00	
PR – Pato Branco	119,00	
PR – M.C.Rondon	115,00	
MT – C.N.Parecis	105,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	113,00	
BA – L.E.Magalhães	115,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	63,00	CIF
Porto de Paranaguá	67,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	60,00	
SC – Rio do Sul	63,00	
PR – M.C.Rondon	47,00	
PR – Pato Branco	53,00	
MT – C.N.Parecis	45,00	
MS – Maracaju	50,00	
SP – Itapetininga	60,00	
SP – Campinas	65,00	CIF
GO – Rio Verde	47,50	
GO – Jataí	47,50	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	78,00	
PR – M.C.Rondon	78,00	

Período: 02/07/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 03/07/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	62.45	120,24	70,50

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

**Preços de outros produtos no RS**

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
03/07/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	65,99
Feijão (saco 60 Kg)	198,13
Sorgo (saco 60 Kg)	60,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,32
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,58**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,91

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Maio/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado em Chicago, após trabalhar ao redor de US\$ 10,25/bushel no início da presente semana, voltou aos patamares anteriores a partir do dia 02/07, com o fechamento do dia 03 de julho, quinta-feira, chegando a US\$ 10,56/bushel, contra US\$ 10,22 uma semana antes. Já a média de junho ficou em US\$ 10,49/bushel, registrando um recuo de 0,19% sobre maio.

O relatório de plantio, divulgado dia 30/06, nos EUA, não trouxe novidades, confirmando um recuo de 4% na área semeada com soja naquele país. Por sua vez, o relatório de estoque trimestral, na posição 1º de junho, registrou um aumento de 4% sobre o mesmo período do ano anterior, com o volume estando em 27,5 milhões de toneladas.

O mercado do clima começa a pesar no sentimento do mercado, em Chicago, com as especulações se avolumando. Neste início de julho surgiram informações de clima mais seco em algumas regiões estadunidenses, fato que elevou o valor do bushel a partir do dia 2. Porém, de forma geral, a safra transcorre bem. A atenção, agora, se volta para o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o próximo dia 11/07.

Outro elemento que ajudou a recuperar um pouco as cotações da soja, em Chicago, foi a nova elevação da cotação do óleo de soja. Após a libra-peso recuar para 51,82 centavos de dólar no dia 25/06, a mesma alcançou 55,06 em 02/07. Ou seja, um ganho de 6,2% em apenas cinco dias úteis. Este aumento no óleo se dá pela política estadunidense em favor da maior produção de biodiesel.

Enquanto isso, na Argentina as exportações do complexo soja (grão, farelo e óleo) atingiram a 6,1 milhões de toneladas, sendo 22% acima da média dos últimos cinco anos, que é de 5 milhões de toneladas. Esta performance se deu como antecipação ao retorno do imposto de exportação (retenciones) em 1º de julho naquele país. A Argentina é o maior exportador mundial de óleo e farelo de soja, e o terceiro maior exportador de soja em grão. Lembrando que o governo argentino reduziu, temporariamente, em janeiro, o imposto sobre as exportações de soja e seus derivados para 26% e 24,5%, respectivamente. A partir deste 1º de julho, esses impostos voltaram a seus valores originais de 33% e 31%, respectivamente. "Com o aumento dos impostos de exportação, o poder de compra do setor exportador argentino diminuiu. Tomando os valores atuais para os embarques em julho, o poder de compra teórico da exportação cai 9% na soja" (cf. Bolsa de Cereais de Rosário).

E no Brasil, os preços, diante de um câmbio que chegou a recuar para R\$ 5,42 por dólar, voltaram a recuar um pouco. A média gaúcha veio a R\$ 120,24/saco, enquanto as principais praças locais registraram R\$ 118,00. Nas demais principais regiões produtoras do país, os valores oscilaram entre R\$ 105,00 e R\$ 119,00/saco.

Quanto a última safra de soja brasileira, a iniciativa privada aponta que o volume final teria ficado em 168,75 milhões de toneladas, o que seria um recorde histórico, apesar da quebra de 40% na produção gaúcha. O consumo interno de soja fica em 60 milhões de toneladas, e as exportações em 107 milhões. Com isso, os estoques finais brasileiros de soja, no atual ano comercial, ficariam em 4,95 milhões de toneladas (cf. Stone X).

## MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, para o primeiro mês em Chicago, igualmente subiu nesta semana, com o bushel do cereal fechando a quinta-feira (03) em US\$ 4,31, contra US\$ 4,09 uma semana antes. A média de junho ficou em US\$ 4,30/bushel, registrando um recuo de 4,2% sobre a média de maio.

O relatório de plantio, divulgado no dia 30/06, confirmou um aumento de área semeada nos EUA em 5% sobre o ano anterior, enquanto os estoques, na posição de 1º de junho, somaram 117,9 milhões de toneladas, significando um recuo de 7% sobre a mesma época de 2024.

Enquanto isso, no Brasil os preços do milho cederam mais um pouco. A média gaúcha fechou em R\$ 62,45/saco, enquanto nas principais praças o produto ficou em R\$ 60,00. Nas demais regiões do país os valores oscilaram entre R\$ 45,00 e R\$ 63,00/saco.

Dito isso, a Stone X avança que a safra de verão brasileira teria ficado em 25,6 milhões de toneladas, enquanto a segunda safra seria de 108,2 milhões (em números revisados). Assim, a produção total de milho, em 2024/25, chegaria a 136,1 milhões de toneladas (incluindo pouco mais de 2 milhões de toneladas da terceira safra nacional). Diante disso, o consumo interno seria de 89,5 milhões de toneladas, sustentado pela produção de etanol. Já as exportações somariam 42 milhões de toneladas.

Por outro lado, a colheita de milho da safrinha teria chegado a 19,5% da área semeada, contra 47,1% no ano passado nesta época e 27,3% na média histórica (cf. PátriaAgroNegócios).

Já a colheita no Centro-Sul brasileiro teria alcançado a 18% da área até o dia 26/06, contra 49% no mesmo período do ano anterior (cf. AgRural). Para esta consultoria, a safrinha chegaria a 103 milhões de toneladas e a produção total nacional alcançaria a 130,6 milhões de toneladas.

E a Conab informa que, até o dia 28/06, apenas 17% das lavouras da segunda safra haviam sido colhidas no país todo, contra 47,9% no mesmo período do ano passado e 28,2% na média das últimas cinco safras. A destacar que as recentes geadas provocaram prejuízos nas lavouras do Paraná.

Neste sentido, o Deral indicou que 68% das áreas a colher estavam em boas condições, 18% regulares e 14% como ruins.

Por sua vez, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) indicou que o preço médio do saco de milho no Mato Grosso fechou a semana anterior em R\$ 39,84, deixando o produto abaixo dos R\$ 39,91/saco estipulado como mínimo pela Conab. Lembrando que, quando o preço médio fica abaixo do Preço Mínimo, o governo pode intervir com políticas públicas como leilões para formação de estoque regulador, a fim de assegurar uma remuneração mínima ao produtor.

Enfim, estudos recentes indicam que, em relação a safra 2025/26, a combinação de custos elevados, oscilações cambiais e incertezas no mercado internacional tem preocupado especialistas e agricultores, especialmente nas regiões do Cerrado, Sul e Sudeste do país. Como o Brasil importa entre 70% a 75% dos fertilizantes que consome, um aumento de 10 centavos na taxa de câmbio pode significar quase R\$ 5,00 a menos no preço do saco de milho (cf. Céleres). Em tal contexto, os produtores precisam de um rigoroso planejamento financeiro para fazer frente aos desafios do mercado do milho, o que vale igualmente para a soja e o trigo.

## MERCADO DO TRIGO

O bushel de trigo igualmente registrou reação positiva nesta semana, em Chicago. O mesmo fechou a quinta-feira (03) em US\$ 5,47, contra US\$ 5,21 uma semana antes. Já a média de junho fechou em US\$ 5,40, sendo ela 3% superior à média registrada em maio.

Nos EUA, o relatório de plantio indicou uma redução de 1% em toda a área de trigo semeada naquele país, em comparação ao ano de 2024. A mesma deverá ficar em 18,4 milhões de hectares. Enquanto isso, os estoques do cereal, na posição de 1º de junho, somaram 23,2 milhões de toneladas, com aumento de 22% sobre o mesmo período do ano anterior.

E no Brasil, os preços, para o produto de qualidade superior, se mantiveram em R\$ 70,00/saco no Rio Grande do Sul e R\$ 78,00 no Paraná.

As intensas chuvas, seguidas de frio rigoroso, com fortes geadas, causaram estragos nas lavouras. No primeiro caso, especialmente no Rio Grande do Sul, e no segundo caso no Paraná e outras regiões produtoras, com plantio mais avançado. Além disso, as chuvas atrasaram novamente o plantio.

Segundo o Deral, no dia 30/06, a semeadura da atual safra de trigo atingia a 96% da área esperada, sendo que 84% das lavouras estavam em boas condições, 9% regulares e 7% ruins. E no Rio Grande do Sul, o plantio chegava a 45%, interrompido que foi, mais uma vez, pelas chuvas intensas e contínuas no final da semana anterior e início da presente semana. Em termos de Brasil, o plantio gira ao redor de 65% da área esperada, neste início de semana.

Em tal contexto, uma oferta menor do que a já reduzida expectativa inicial, no Brasil, pode gerar pressão altista nos preços na virada do ano. No entanto, muito irá depender do comportamento cambial e da oferta externa, particularmente da Argentina, que espera uma colheita mais elevada nesta próxima safra. Dito isso, e contrariando esta possibilidade, há consultorias indicando que “os preços internos devem permanecer pressionados, entre agosto de 2025 e janeiro de 2026, girando em torno de R\$ 1.400,00/tonelada no Paraná e R\$ 1.300,00/tonelada no Rio Grande do Sul. A partir de fevereiro de 2026, os mercados interno e externo podem se alinhar em patamares mais altos, entre R\$ 1.500,00/tonelada no Paraná e R\$ 1.400,00/tonelada no Rio Grande do Sul. Em tal quadro, o alerta é que a qualidade do grão será determinante: uma safra com bom padrão poderá reduzir as importações e sustentar preços mais elevados. Caso contrário, os moinhos menos capitalizados podem impulsionar uma nova onda de

preços baixos, repetindo o cenário de margens apertadas para os grandes players do setor” (cf. TF Agronômica).

Por enquanto, no que diz respeito à safra velha gaúcha, a mesma continua travada, com interesse apenas para embarques em agosto e preços entre R\$ 1.330,00 e R\$ 1.430,00/tonelada, sem referência clara para julho. O cenário de preços baixos em plena entressafra surpreende o mercado e pressiona as margens dos moinhos, que enfrentam dificuldades para fechar novos contratos. Já a safra nova não tem movimentação significativa, com forte redução nas vendas de sementes e estimativa de queda de 6,3% na produção do Rio Grande do Sul, conforme a Conab. Já em Santa Catarina, repetindo o Rio Grande do Sul, as geadas não causaram danos, já que os plantios são mais tardios ou ainda recentes. No Paraná, ao contrário, a geada foi considerada a mais forte dos últimos 15 anos, atingindo áreas com trigo em frutificação e formação de grãos. Técnicos alertam para possíveis prejuízos, mas os danos ainda serão avaliados nos próximos dias. O mercado paranaense também é atingido pelo trigo importado, principalmente argentino e paraguaio, com valores CIF entre R\$ 1.400,00 e R\$ 1.500,00/tonelada. Essa concorrência tem forçado recuos nos preços pagos ao produtor paranaense, porém, o lucro médio do mesmo ainda gira em torno de 7% acima do custo de produção, estimado em R\$ 73,53/saco (cf. TF Agronômica in: Agrolink).